

LINGUAGEM E ESCUTA
NAS *AGUAFUERTES*
CARIOCAS

ANDREIA MOURA DOS SANTOS

Bacharela em Letras com habilitação em Português/Espanhol pela FFLCH-USP (2012-2016). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Hispano-Americana. Concluiu o curso de licenciatura com habilitação em Português/Espanhol na Faculdade de Educação - FEUSP (2013-2016). Mestranda do programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo.

RESUMO

Nas próximas linhas nos propomos a analisar no livro de crônicas de Roberto Arlt *Aguafuertes Cariocas*, escritas em 1929 na ocasião de sua visita ao Brasil, a aparição do português, seja em sua forma escrita, seja em forma de escuta. Para tanto, pretendemos verificar nas crônicas como Arlt se apropria e escuta a língua do outro, com o objetivo de averiguar de que forma o português se insere na já questionada linguagem arltiana. Buscaremos identificar como e quando o português é a opção do cronista, afim de explicitar o uso territorial que ele faz do idioma além de ponderar sobre a forma como ele se apropria da língua do outro. Também será nosso interesse analisar a forma como Arlt escuta o português: a quem lhe interessava escutar e de que forma. Dessa maneira tentaremos descobrir que tipo de atenção o cronista dá a voz do outro.

INTRODUÇÃO: ROBERTO ARLT E SUA LINGUAGEM ILEGÍTIMA

Em 1930 Roberto Arlt visitou o Brasil como correspondente do jornal *El mundo* para o qual já trabalhava como cronista desde 1928, escrevendo diariamente uma crônica para sua coluna *Aguafuertes Porteñas*. Dessa viagem surgiram um conjunto de crônicas que, à época, foram publicadas na coluna assinada por Arlt sob o título de *Aguafuertes Cariocas*. Nas crônicas escritas aqui no Brasil, Arlt adotou os mesmos procedimentos que utilizava em Buenos Aires: saía às ruas para observar as pessoas, ouvir as conversas, identificar tipos, observar as transformações físicas e sociais que a cidade vivia. Além de todos esses aspectos, também a linguagem plebeia, característica de toda a narrativa arltiana, está presente nas crônicas cariocas e é justamente sobre a linguagem plebeia arltiana e o contato dessa linguagem com o português que pretendemos tratar nas próximas linhas.

Na obra de Roberto Arlt a questão da língua sempre foi uma constante, já que sua linguagem peculiar, repleta de usos populares, era continuamente questionada. Para Sylvia Saítta (2008) é de grande importância para a obra de Arlt ter uma coluna assinada em um jornal de grande circulação. A crítica assinala que foi a partir de então que o escritor consolidou o que ela chama de linguagem plebeia, a qual se identifica com a linguagem utilizada nas ruas. Saítta destaca que “Arlt eleva el idioma de la calle, la lengua plebeya, a idioma nacional consolidando simultáneamente un lugar de enunciación dentro de las páginas de un diario y un lugar de enunciación, una entonación, dentro de la literatura argentina..” (Saítta, 2008, p.81).

Falando ainda sobre linguagem, vale ressaltar que Arlt era filho de imigrantes e, portanto, não tinha uma relação com o espanhol herdada de família, pois essa não era a língua de seus pais. O escritor, quando criança, ouvia dentro de casa uma língua diferente da que tentava aprender na escola, uma vez que sua mãe era italiana e seu pai prussiano. A família Arlt fazia parte da massa de imigrantes cujo a língua não era valorizada e o espanhol era considerado precário. Beatriz Sarlo em “Oralidad y lenguas extranjeras: el conflicto en la literatura argentina durante el primer tercio del siglo XX” (1997) explica que havia espanhol bem adquirido, falado pelos filhos da elite crioula, os quais recebiam o idioma como herança de seus pais. Esses podiam aprender outras línguas, ler livros em outros idiomas e traduzir; seus deslizes com o espanhol eram considerados naturais em pessoas que falavam muitas línguas. E havia o espanhol dos filhos de imigrantes os quais falavam línguas consideradas desprestigiadas e não possuíam a legitimidade de uma língua herdada. Esses não tinham como aprender outras línguas, liam apenas traduções, pois não podiam traduzir e suas dificuldades com o espanhol eram duramente criticadas. Essa era a realidade de Roberto Arlt.

Essas questões são importantes para o nosso trabalho porque a viagem para o Brasil foi a primeira viagem internacional que o escritor fez e possibilitou a ele o contato linguístico com outro idioma. Pretendemos verificar como o português aparece na já questionada linguagem arltiana, seja na tentativa que o cronista faz de reproduzi-lo, seja na iniciativa de traduzir para facilitar a compreensão de seus leitores ou ainda na forma como Arlt o escuta quando falado pelos brasileiros.

A LÍNGUA DO OUTRO: O PORTUGUÊS NAS CRÔNICAS CARIOCAS

A viagem para o Brasil foi muito importante para a carreira jornalística de Arlt, uma vez que, fazendo notas de viagem, Arlt tornou-se correspondente internacional. No momento de sua viagem, Arlt já era cronista do jornal *El mundo* há dois anos e sua coluna retratava o que ele via ou percebia em seus passeios pela cidade. As *Aguafuertes Porteñas* mantinham uma forte ligação com a cidade não somente pelos temas tratados, mas também pela linguagem empregada, já que muitos críticos assinalam que a língua que Arlt utilizava em suas obras era a língua que o portenho falava nas ruas. Essa relação foi defendida até mesmo pelo próprio autor, na *aguafuerte* “¿Cómo quieren que les escriba?” na qual ele defende sua forma de escrever e afirma que o verdadeiro idioma argentino é justamente o falado nas ruas.

É importante destacar que a própria narrativa de crônica se relaciona muito com a cidade e mais ainda com a modernização da cidade. A profissionalização do escritor, que já não tinha a figura do mecenas para patrociná-lo, foi impulsionada pela ascensão do jornalismo diário. Muitos escritores tornaram-se cronistas e o processo de modernização dependente e precário das cidades latino-americanas gerou contradições que foram temas para muitas crônicas. Arlt, como atento observador da realidade das ruas e do povo de Buenos Aires, trazia para o jornal tanto as situações e problemas que ouvia em suas longas caminhadas como também linguagem que mais comumente se falava nas ruas.

As crônicas cariocas representam a experiência de Arlt com outro país, outra cultura e outro idioma, logo, uso de palavras em português nas crônicas cariocas não é por acaso. Ao escrever em português, o cronista faz um uso territorial do idioma, pois aponta para seu leitor o seu local de fala. É importante considerar que o cronista não tinha domínio sobre o idioma português, tanto que, muitas vezes, observamos que ele escrevia da forma que ouvia. Desse modo, Arlt inseria em suas crônicas palavras em português aparentemente sem se preocupar com a grafia correta e a despeito de saber se seus leitores entenderiam o que ele estava escrevendo. Outra possibilidade seria a de que o cronista, pensando em seu leitor argentino, procurava transcrever o português de uma forma que facilitasse o entendimento fonético da palavra.

Dessa maneira, não faria falta a grafia correta e seu leitor argentino saberia como era a sonoridade da palavra. Maite Celada, ao fazer uma análise linguística do português em “Acerca de errar por el portuguol” (2000) aponta que o brasileiro tem em relação ao idioma espanhol uma ideia de apropriação espontânea. Ao observar as inserções do português nas crônicas cariocas poderíamos supor que Arlt aparentemente se apropria do português espontaneamente e supõe uma apropriação por seus leitores igualmente espontânea.

Nas crônicas cariocas, todas as entradas em português estão escritas em itálico; esse é o único sinal que Arlt utiliza para marcar o uso de uma palavra que não é de seu idioma. Vejamos a crônica “De todo un poco”, na qual o cronista fala de suas primeiras experiências em terras brasileiras:

Y el sorbete de coco. Lo sirven en un vaso como de beber champagne (35 guitas), una esfera blanca como... (me salió una metáfora atrevida...imagínese usted el cómo...) y que tiene un perfume ligeramente ácido. Es leche de coco congelada. Helado para el paladar de una *menina*.
[...] Y la crema de *abacate*. Antes de tomarla hay que hacer la señal de la cruz, debe haberla inventado el demonio para producir sueños voluptuosos. (Arlt, 2013, p.25. Grifos do autor.)

No trecho acima, Arlt utiliza duas palavras do português: *menina* e *abacate*. A crônica reflete a empolgação inicial do cronista ao chegar ao Brasil além de sua imensa vontade de relatar aos seus leitores suas novas descobertas. O vocábulo *menina* ainda vai ser diversas vezes utilizado pelo autor nas crônicas cariocas, pois foi a maneira que ele escolheu para se referir às mulheres brasileiras. Já o vocábulo *abacate* aparece de forma espontânea, já que em espanhol se utilizaria *aguacate* ou *palta*. A opção pelo português pode ser explicada por uma tentativa do cronista de registrar a fala do carioca.

Na crônica acima, a inserção de vocábulos do português ocorre por iniciativa do escritor. Nos exemplos que seguem, Arlt tenta reproduzir em português trechos de diálogos, afim de dar mais detalhes dos acontecimentos, como acontece na crônica “En la caverna de un compatriota”, na qual o cronista narra seu encontro com um jornalista português:

- Un gran periodista lisbonés en desgracia...
- *Muito pracer en counucerlo.*
- *Muito obrigado* –respondí yo por contestar algo...
- Lo protejo –continuó mi amigo–. El proveedor me tiene una confianza ilimitada.

El señor de pijama y de piernas peludas se inclinó nuevamente ante mí y me dijo:
–*Ou senhor está en la sua casa. Esteja a gosto.* (Arlt, 2013, p.29. Grifos do autor.)

Arlt descreve ao seu leitor com precisão como foi o diálogo com o jornalista, e para tanto, tenta reproduzi-lo em português. Vemos nas grafias das palavras *pracer* (prazer) e *counucerlo* (conhecê-lo) uma tentativa do registro da fala de seu interlocutor em uma escrita que, provavelmente, se aproxima do registro sonoro feito por Arlt no momento em que as ouviu. Já a última frase é escrita em portunhol, pois Arlt começa escrevendo em português e no meio da frase utiliza a preposição e o artigo em espanhol: *en la*.

No trecho seguinte, Arlt transcreve uma frase do jornalista e em seguida faz uma tradução, para que seu leitor entenda o sentido: “*Ou senhor está brincando...* (Cachando, quiere decir.)” (Arlt, 2013, p.29. Grifo do autor). Esse movimento de tradução, em Roberto Arlt é emblemático, já que, como já comentamos, a ele nunca coube a tarefa de traduzir, uma vez que o escritor, por sua condição humilde, não tinha o domínio de outras línguas. A prática de tradução se repete na crônica “Los Pescadores de Perlas”:

Charlaban entre sí. Un cafre canoso con facha de pirata, barba rala, el pecho de chocolate, le decía a un muchacho amarillo que apretaba el extremo de la red, con los sucios pies desnudos, contra el suelo: “*Toda forza que ven de acima, e de Deus...*” (Toda fuerza que viene de arriba es de Dios). (Arlt, 2013, p.37 Grifo do autor).

No trecho acima, Arlt narra a cena de homens trabalhando e em determinado momento decide escrever em portunhol a frase que um deles diz. Logo à frente e entre parênteses, o cronista faz uma tradução para facilitar o entendimento de seu leitor.

Acreditamos que a utilização do português foi a maneira que o escritor escolheu para registrar a fala do carioca e para marcar em seu texto o seu lugar de enunciação. Por esse motivo, será uma constante nas crônicas cariocas a aparição do português, do qual Arlt se apropria aparentemente de forma espontânea para escrever suas crônicas diárias em terras brasileiras.

A PRÁTICA DA ESCUTA: COMO ARLT DUVE/ESCUTA O BRASILEIRO?

Como cronista urbano, Arlt mantinha o hábito de andar pelas ruas da cidade para fazer suas observações. Além da observação, também a escuta era uma prática importante, já que muitas das suas *aguafuertes* nasceram de alguma conversa que o cronista presenciara. Jean-Luc Nancy em *À escuta* (2014) explica que estar à escuta significou primeiramente estar em um

local escondido com o fim de surpreender uma conversa ou um segredo. Aquele que estava a escuta, tinha o objetivo de captar um segredo ou uma conversa particular. Nesse sentido, ao caminhar pelas ruas de Buenos Aires em busca de temas para suas notas, Arlt estava sempre à escuta, tentando apreender algo que potencialmente fosse uma história a ser contada.

Ao chegar no Brasil, o cronista continuará com essa prática e à revelia de sua falta de habilidade com o idioma português, buscará ao menos ouvir, que aqui utilizamos em um sentido diferente de escutar, as vozes dos brasileiros.

Segundo Nancy (2014) existe uma diferença entre os estados simples e tenso das ordens sensoriais. O autor explica que cada ordem sensorial tem um estado simples e um estado tenso e cita como exemplos o ver e o olhar, o provar e o saborear e, entre outros, o ouvir e o escutar. Segundo o autor, em cada par sensorial existe uma etapa de caráter mais superficial e uma de caráter mais profundo. No caso de ouvir e escutar, o ouvir seria algo de cunho mais sonoro enquanto a escuta “está atenta para um sentido presente para além do som.” (Nancy, 2014, p.18). Sobre o mesmo tema, Roland Barthes em “El cuerpo de la música” afirma que “oír es un fenómeno fisiológico; escuchar, una acción psicológica.” (Barthes, 1986, p.243). Isto posto, nos perguntamos se a escuta de Arlt nas crônicas cariocas relaciona-se com o ato de ouvir, no sentido sonoro, ou com o ato de escutar em um sentido psicológico.

O primeiro comentário acerca de ouvir o brasileiro aparece na *aguafuerte* “De todo un poco” na qual Arlt fala sobre nosso idioma: “El idioma portugués, hay que oírlo conversar a una *menina*, es el más delicioso que puede concebirse.” (Arlt, 2013, p.24. Grifo do autor). No trecho, Arlt fala sobre o nosso idioma e o que parece lhe chamar atenção é mais o som da voz de uma mulher falando o português do que o que está sendo dito. Outro momento em que possivelmente Arlt procura captar a sonoridade de uma conversa está na crônica “Algo sobre la urbanidad popular”:

[...] Él y ella. Ella de negro. Él de blanco. Un escote admirable. Caminan lentamente. No tomados del brazo, sino de los dedos. Como criaturas. Y de pronto escucho que ella dice:

– *Meu bem* (Mi bien.)

Este “*meu bem*” ha salido da boca de una mujer impregnado de dulzura espesa, lenta y sabrosa. (Arlt, 2013, p.52-53 Grifos do autor.)

No trecho acima, percebemos o interesse de Arlt pela sonoridade, através da idealização que ele faz do português ouvido através da boca de uma mulher. O “estar à escuta” neste caso busca um sentido que se encerra na sonoridade do português, que ao ser reproduzido por uma

mulher soa ao cronista como uma canção. Notamos também uma espécie de compensação dos sentidos que o autor faz ao observar as cenas: como não pode entender completamente o que os brasileiros dizem, compensa essa barreira linguística utilizando outros sentidos, como o paladar e o tato, ao dizer que as palavras *meu bem* saídas da boca de uma mulher estão impregnadas de uma doçura espessa, lenta e saborosa.

Outro exemplo de escuta nas crônicas cariocas é a de Arlt em relação aos negros brasileiros. Vejamos como o cronista os escuta na crônica “Trabajar como negro”:

En el momento que abría una ventana, sorprendí a una negra. Estaba sola en la pieza, se reía y hablaba. O con la pared o con un fantasma. Se reía infantilmente al tiempo que movía los labios. Otra vez, caminando, escuché las risitas comprimidas de un negro. Parecía que se burlaba de un interlocutor invisible, al tiempo que pronunciaba palabras que no pude entender. [...] Frecuentemente va descubierto, de modo que imagínese usted la sensación que se puede experimentar, cuando en las tinieblas escuche una risita de orangután, un cuchicheo de palabras; (Arlt, 2013, p.62-63).

Nas palavras do cronista percebemos uma indisposição em relação à escuta dos negros. Se para Arlt o português falado por uma menina parecia uma canção, o falado pelos negros era incompreensível e, talvez por esse motivo, não havia de sua parte disposição p/ara ouvi-los e conhecê-los. Ao contrário, Arlt traçou um perfil estereotipado do negro brasileiro, descrevendo-os como se todos os negros caminhassem pelas ruas bêbados e falando sozinhos. Barthes explica que “escuchar es ponerse en disposición de decodificar lo que es oscuro, confuso o mudo, con el fin de que aparezca ante la consciencia el «revés» del sentido...” (Barthes, 1986, p.247). O autor acrescenta que “La orden de la escucha es de interpelación total de un individuo hacia otro: se sitúa por encima del contacto casi físico de ambos individuos (contacto por la voz y la oreja): crea el *transferi*: «escúchame» quiere decir: tócame, entérate de que existo;” (Barthes, 1986 p.249. Grifos do autor). Considerando as definições de Barthes supomos que Arlt não estava disposto à escuta dos negros e nem a inteirar-se da existência deles, pois não havia de sua parte essa interpelação completa para escutá-los e sim uma distância que apenas lhe possibilitava uma opinião estereotipada e preconceituosa.

Não obstante da distância em relação aos negros assumida por Arlt, vemos na crônica “Fiesta de la abolición de la esclavitud” um grande espanto do cronista ao saber que a escravidão havia acabado no Brasil há apenas 42 anos. Arlt conversa com várias pessoas que confirmam a veracidade da informação e um de seus interlocutores lhe sugere: “[...] pero haga esto: vaya

al puerto y converse con algún negro viejo, de estos que usted ha visto componiendo redes...” (Arlt, 2013, p.169). No entanto, apesar de seu espanto, de seu interesse pelo assunto e da sugestão de seu interlocutor, Arlt decide não procurar um negro para buscar mais esclarecimentos sobre o tema da escravidão. Uma possível explicação para a adoção desse procedimento pode ser a estranheza que conviver no mesmo espaço e tempo que um ex-escravo poderia causar em Arlt. Na Argentina a abolição da escravidão ocorreu em 1853 e, por isso, Arlt certamente não tivera a oportunidade de conhecer um ex-escravo. Essa situação possivelmente lhe causava um certo desconforto e poderia ser vista como um motivo para a distância assumida pelo cronista em relação aos negros brasileiros: “Y todavía no me he resuelto a reportear a um ex-esclavo. No sé.” (Arlt, 2013, p.169).

Por fim, gostaríamos de assinalar um outro aspecto da escuta nas crônicas cariocas, aspecto esse que consideramos territorial, já que em muitos momentos Arlt reclama do silêncio das ruas cariocas durante a noite. O cronista comenta na aguafuerte “Ciudad de piedra” que a cidade durante o dia era completamente diferente da cidade à noite porque à noite havia “Un silencio que sólo interrumpe la vertiginosa carrera de los tranvías. [...] un silencio cálido, tropical, por donde el viento introduce un craso perfume de plantas cuyo nombre ignoro.” (Arlt, 2013, p.42). Esse silêncio noturno é estranho a Arlt porque contrasta com barulho das ruas de Buenos Aires à noite, sobre as quais Arlt sempre tece comentários, sobretudo sobre a sua rua preferida, *a calle Corrientes*, que durante a noite se enche de gente em busca de diversão. Nesse caso, considerando que a escuta assume um viés territorial, o silêncio noturno das ruas do Rio de Janeiro expõe a condição de estrangeiro de Arlt, na qual se encontra por estar longe de sua cidade. Barthes (1986) afirma que dos sentidos os quais os homens são dotados, a audição parece essencialmente ligada à avaliação da situação espaço-temporal e também que é sonora a apropriação do espaço domésticos através de ruídos familiares e reconhecíveis.

Fazendo uma relação possível entre a estranheza que o silêncio causa a Arlt e a afirmação de Barthes, percebemos que esse silêncio incomoda ao cronista porque o torna constantemente consciente de sua distância em relação a sua cidade.

A escuta é sem dúvida uma ação importante para alguém que pretende conhecer um povo, como se propunha a fazer Roberto Arlt. Nos trechos analisados, percebemos que a ação de escuta, no sentido de compreender uma mensagem não foi uma de suas prioridades, principalmente em relação aos negros. Não obstante, no que tange ao sentido sonoro, é notável a sensibilidade do cronista em relação ao som do português, quando pronunciado por uma *menina* ou em relação ao silêncio noturno das ruas cariocas que o lembrava de sua distância de Buenos Aires.

Por meio da tentativa de incorporação do português nas crônicas cariocas percebemos o desejo Arlt de sinalizar a novidade e euforia que o contato linguístico com outro idioma lhe

causava. Escrevendo suas notas aqui do Brasil, teve a oportunidade de transcrever o português e em alguns casos até mesmo traduzir, algo que até então não era possível em sua literatura, já que era um conhecido leitor de traduções justamente por não saber outras línguas. Em relação à escuta, nossa hipótese é de que Arlt, impossibilitado de compreender a fala do brasileiro com a mesma propriedade que compreendia a de seus compatriotas, optou por estar atento aos sons do português, sobretudo ao saído da boca de uma mulher, além de utilizar outros sentidos para compensar as dificuldades causadas pela barreira linguística. No que se refere aos negros, sugerimos que não houve uma real tentativa de ouvi-los por parte do cronista, talvez pela estranheza de encontrar-se diante de ex-escravos, situação até então não vivida pelo cronista. Nosso trabalho pretende investigar essas hipóteses através de uma análise atenta sobre as *Aguafuertes Cariocas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAMIRANO, C. SARLO, B. “Oralidad y lenguas extranjeras: el conflicto en la literatura argentina durante el primer tercio del siglo XX” in: Ensayos Argentinos De Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Compañía Editora Espasa Calpe Argentina S.A./Ariel, 1997.
- ARLT, Roberto. *Aguafuertes Cariocas*. 2ª ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2013.
- _____. *Aguafuertes Porteñas*. Disponível em: <http://biblio3.url.edu.gt/Libros/roberto/aguafuertes.pdf>).
- BARTHES, Roland. “El cuerpo y la música” in: *Lo obvio y lo obtuso*. Trad: C. Fernandez Medrano. Paídos, 1986 (orig.1982).
- CELADA, Maite. “Acerca de errar por el portunhol”. Em *Revista Tsé Tsé*, 7-8, Buenos Aires, otoño, 2000. p. 262-264.
- ENNIS, Juan Antonio. *Decir la lengua: debates ideológicos-lingüísticos en la Argentina desde 1837*. Tese de Doutorado. Instituto de Romanística de Martin-Luther Universität de Halle-Wittenberg, 2007.
- Nancy, Jean-Luc. *À escuta*. Tradução de Fernanda Bernardo. Edições Chão da Terra, Belo Horizonte, 2014 (orig. 2002).